

XXXI ALAS – URUGUAY

3 – 6 Diciembre, Montevideo



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

JOVENS NA ESCOLA: FORMAÇÃO DE GRUPOS, SOCIABILIDADES E CULTURAS JUVENIS NO ENSINO MÉDIO

Irapuan Peixoto Lima Filho

irapuanpeixoto@yahoo.com.br

Professor do Departamento de Ciências Sociais
e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da
Universidade Federal do Ceará – UFC

Brasil

2017

Resumo:

Este artigo trata de pesquisa realizada com jovens estudantes do Ensino Médio brasileiro, especificamente, da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, bem como de sua Região Metropolitana. O objetivo da pesquisa é perceber a articulação entre o consumo de bens culturais e o acúmulo de capital cultural, mediados pela formação de agrupamentos identitários no ambiente escolar. A pesquisa se desenvolve desde 2014 e está em sua segunda fase. Embora já aja mais dados disponíveis (porém, que não foram analisados), este texto trata dos resultados parciais referentes à amostra de 17 escolas distribuídas em 12 bairros de Fortaleza, 3 municípios da Região Metropolitana de Fortaleza e 2 municípios de outras regiões do Ceará. Este recorte cobre 487 jovens entrevistados, todos estudantes do Ensino Médio em suas várias modalidades. Os resultados a que chegamos até agora ajudam a quebrar vários estereótipos quanto aos jovens das periferias e bairros de baixa renda ao mesmo tempo em que trazem questões pertinentes acerca do processo de mundialização do consumo de bens culturais e as consequências a que isto leva, particularmente quanto ao capital cultural não-herdado destes jovens e o modo como apresentam tais bens simbólicos diante da realidade dura e fria das políticas educacionais. A pesquisa demonstra que além do consumo intenso de bens culturais que os conectam a um tipo de cultura global – o cosmopolitismo como se discute na Sociologia contemporânea – que não é partilhada por seus pais, e portanto, traz um diferencial no modo como acumula seu capital cultural e o maneja no sistema escolar. O artigo foca particularmente na leitura como um componente diferencial entre os jovens em idade escolar, já que o Brasil é um país que, em média, possui índices de leitura muito baixos. Assim, há a preocupação em entender quais são os dispositivos que impulsionam os jovens a se tornarem leitores, procurando por meio de variáveis como etnia, renda, grau de escolaridade da mãe, ser egresso (ou não) de escola pública, além do modo como consome outros bens culturais.

Palavras-Chave: Juventude; Consumo Cultural; Capital Cultural; Ensino Médio.

Abstract:

This article deals with research carried out with young students of the Brazilian High School, specifically, in the city of Fortaleza, capital of the state of Ceará, as well as of its Metropolitan Region. The objective of the research is to understand the articulation between the consumption of cultural assets and the accumulation of cultural capital, mediated by the formation of identity groupings in the school environment. The research has developed since 2014 and is in its second phase. Although the data already is available (but not analyzed), this text deals with the partial results of the sample of 17 schools distributed in 12 neighborhoods of Fortaleza, 3 municipalities in the Metropolitan Region of Fortaleza and 2 municipalities in other regions of Ceará. This cut covers 487 young people interviewed, all of them high school students in their various modalities. The results we have achieved so far help to break down several stereotypes about young people from the outskirts and poor neighborhoods, while raising pertinent questions about the process of globalization of the consumption of cultural assets and the consequences

that this entails, particularly to the non-heritage's cultural capital of these young people and how they present such symbolic proprieties in the face of the harsh reality of educational policies. The research shows that in addition to the intense consumption of cultural assets that connect them to a type of global culture - cosmopolitanism as discussed in contemporary Sociology - that is not shared by their parents, and therefore brings a differential in the way they accumulate them capital and handles them in the school system. The article focuses particularly on reading as a differential component among school-aged youth, since Brazil is a country that, on average, has very low reading rates. Thus, there is a concern to understand the mechanisms that motivate young people to become readers, looking for variables such as ethnicity, income, mother's educational level, being studied in a public school (or not), and how consumes other cultural assets.

Keywords: Youth, Cultural Consumption, Cultural Capital; High School.

JOVENS NA ESCOLA:

Formação de grupos, sociabilidades e culturas juvenis no Ensino Médio

Irapuan Peixoto Lima Filho

Este artigo trata de pesquisa realizada com jovens estudantes do Ensino Médio brasileiro, especificamente, da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, bem como de sua Região Metropolitana. O objetivo da pesquisa é perceber a articulação entre o consumo de bens culturais e o acúmulo de capital cultural, mediados pela formação de agrupamentos identitários no ambiente escolar.

Esta pesquisa se desenvolve desde 2014 e está em sua segunda fase. Na primeira, foi realizado estudo comparativo entre duas escolas da periferia de Fortaleza; e foram aplicados 107 questionários e 11 grupos focais (67 jovens).

Os resultados sobre acúmulo de capital cultural, especialmente relacionados à leitura, foram impressionantes¹, o que nos motivou a estabelecer a atual segunda fase, na qual expandimos a aplicação do questionário para mais escolas, inclusive, da Região Metropolitana e de municípios das oito macrorregiões de planejamento nas quais se subdividia o Estado do Ceará².

¹ Um levantamento inicial está disponível em Lima Filho (2017).

² A divisão em questão data de 1999 e foi ampliada em 2015. Iremos, entretanto, utilizar a velha divisão, porque representa somente oito macrorregiões (Região Metropolitana de Fortaleza, Maciço de Baturité, Litoral Leste e Vale do Jaguaribe, Litoral Oeste, Sobral e Ibiapaba, Inhamuns, Sertão Central, Centro-sul e Cariri), enquanto a nova aumenta para 14. A pesquisa em andamento não tem condições financeiras de estender por tantos municípios.

A segunda fase está ainda em desenvolvimento e já foram aplicados 1.274 questionários em 33 escolas, cobrindo 5 cidades da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) e 11 municípios do Ceará. Os resultados apresentados neste artigo, contudo, são parciais, referentes à amostra de 17 escolas distribuídas em 12 bairros de Fortaleza³, de 3 municípios da RMF e 2 municípios de outras macrorregiões do Ceará⁴. Este recorte cobre 487 jovens entrevistados, todos estudantes do Ensino Médio em suas várias modalidades⁵.

Os resultados a que chegamos até agora ajudam a quebrar vários estereótipos quanto aos jovens das periferias e bairros de baixa renda ao mesmo tempo em que trazem questões pertinentes acerca do processo de mundialização do consumo de bens culturais e as consequências a que isto leva, particularmente quanto ao capital cultural não herdado destes jovens e o modo como apresentam tais bens simbólicos diante da realidade dura e fria das políticas educacionais.

O perfil social dos jovens de Fortaleza

Fortaleza é a quinta maior cidade do Brasil em termos populacionais, possuindo 2.627.482 habitantes segundo a estimativa 2017 do IBGE; a RMF acumula 4.051.744 habitantes (IBGE, 2017) e agrega 19 municípios. É uma cidade com grave problema de desigualdade social, tendo sido apontada pelo Relatório da ONU como a quinta mais desigual do planeta (UN, 2014). É um território de extremos, onde riqueza e pobreza vivem juntos, às vezes no mesmo quarteirão, o que contribui também para a escalada da violência.

Em termos econômicos tem um PIB *per capita* aproximadamente de US\$ 6.669,53 (R\$ 22.092,58) e concentra a maior parte dos capitais e serviços do Estado, sendo otimizada pelo turismo, comércio e indústria (IBGE, 2017); neste último caso,

³ Os bairros contemplados são: Conjunto Ceará, Conjunto Esperança, Dionísio Torres, Farias Brito, Jacarecanga, Jardim Cearense, Montese, Papicu, Parangaba, Planalto Pici, Serrinha e São Bento.

⁴ Os municípios contemplados da RMF são Pacatuba (72.299 habitantes) e Aquiraz (72.628 habitantes). Das outras macrorregiões temos Mulungu (12.831 habitantes, 120 km da capital), do Maciço de Baturité; e Amontada (42.901 habitantes, 157 km da capital), do Litoral Oeste. Os dados são do IBGE (2017).

⁵ O Ensino Médio no Ceará é ofertado em várias modalidades: regular, profissional, Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Especial Indígena. À exceção das duas últimas, as redes pública e privada ofertam ambas as modalidades. A oferta também é distribuída quanto ao turno em que funciona, sendo oferecidos cursos nos turnos manhã, tarde e noite, além do turno integral (que compreende 10 horas entre manhã e tarde). As escolas profissionais utilizam sem exceção o turno integral, mas algumas regulares também o fazem.

tendo dois polos industriais dentro do território da RMF: a cidade de Maracanaú e o Complexo Industrial e Portuário do Pecém.

Embora tenha um IDH mediano (0,754), a desigualdade na distribuição de renda faz com que apenas 10 dos 119 bairros possuam renda média mensal de mais de R\$ 1.000,00, ou seja, de pouco mais de um salário mínimo (IPLANFOR, 2015).

No campo educacional, segundo o *Censo Educacional de 2015*, a taxa de escolaridade da população de 6 a 14 anos era de 96,1% (IBGE, 2017), ao mesmo tempo em que se identifica o aumento desproporcional da evasão escolar na passagem para o Ensino Médio exatamente após aquela faixa etária, quando o número de matrículas no Ensino Fundamental era de 315.211 e diminuía para 101.376 no Ensino Médio.

A rede do Ensino Médio se distribui em 311 escolas em Fortaleza, na qual 157 são públicas (155 estaduais e 2 federais) e 154 privadas. Entretanto, a distribuição não é proporcional ao número de matrículas, pois a rede pública soma 74.795 matrículas, enquanto a privada apenas 26.581. Assim, a média de estudantes das escolas públicas é de 476,4 alunos por instituição, e nas privadas de 172,6.

É sob este cenário que se apresenta a pesquisa em questão e tal realidade faz-se sentir quando pensamos nos dados que levantamos.

Em nosso universo amostral de 487 jovens entrevistados, 38,2% é egresso da rede privada, e 57,9% exclusivamente da rede pública. O universo demonstra baixa distorção de faixa etária, pois 77,2% deles tinham entre 14 e 17 anos. Os que tinham entre 18 e 19 anos foram 16%, e somente 6,8% tinham mais de 20 anos.

Em termos étnicos, 58,9% afirmou ser *pardo*, enquanto 22,8% se identificaram como *brancos* e 14% como *negros*. A religião católica foi preponderante, com 42,5%, mas não deixa de ser interessante notar que os evangélicos e protestantes somaram 30,5% e os que sinalaram não possuem religião, mas acreditam em algo somou 16,4%. Estes últimos, mais do que agnósticos, poderiam ser classificados como cristãos não praticantes.

Quanto à renda, a maioria (32,2%) se identificou como possuindo uma renda familiar mensal entre 1 e 2 salários mínimos. Apesar do elevado número daqueles que preferiram não responder (22,6%), o estrato válido que vem em segundo lugar é a faixa entre mais de 2 e 5 SM (19,5%) seguido de perto por aqueles com menos de 1 SM (17,9%). A população que afirmou viver com mais de 5 SM soma somente 2,6%. Mesmo

com a ausência maciça de respostas, de um modo geral, o quadro de renda é proporcional à realidade de Fortaleza e indica que 50,1% dos jovens afirma viver com até 2 SM, o que os coloca numa situação de baixa renda.

Os números se tornam mais agravantes quando consideramos que tal renda familiar é distribuída por um número elevado de moradores em cada residência: 38% afirmou viver com 4 pessoas em casa e 17% com 5 indivíduos, de modo que aqueles que vivem em residências com mais de 4 pessoas, somam 70%.

Além disso, confirma a baixa renda da maioria da amostra as profissões alegadas ao chefe da família. Os resultados, claro, foram bastante pulverizados, contudo, quando os categorizamos, vemos que a maior parte (18,4%) constituem em ocupações consideradas de baixa qualificação ou remuneração, como empregada doméstica, diarista, pedreiro, mecânico, vigilante, segurança, auxiliar de serviços gerais etc. Ademais se distribuem por ocupações de média qualificação (6,3%), como jardineiros, taxistas, cabelereiras, metalúrgicos; e profissionais de médio *status* (3,2%), como professores; e empreendedores (3,2%), como comerciantes e autônomos.

A inserção dos próprios jovens no mercado de trabalho é restrita, mas persistente. Embora apenas 14,6% deles afirmou estar trabalhando, outros 25,1% já trabalharam antes.

Sociabilidade e consumo de bens culturais

Fatores como a grande desigualdade social e a elevada taxa de violência parecem contribuir para que o jovem de Fortaleza tenha uma sociabilidade muito territorializada. Isso é evidente quando perguntamos quem são seus amigos e que locais gostam de frequentar. Quanto questionados de onde são seus melhores amigos, a resposta majoritária é da escola, com 57,1%.

Com uma diminuição considerável, em segundo lugar vêm amizades construídas na Igreja ao qual frequentam (11,3%) e da vizinhança (10,3%). Havia a opção família, mas apenas 1% respondeu. É importante frisar a relevância que a escola tem no estabelecimento de relações mais ou menos duradouras quanto à sociabilidade.

Outros elementos que reforçam a vinculação aos amigos estão na resposta a “o que mais gostam de fazer no intervalo das aulas?”, da qual 75,6% afirmou “conversar

com os amigos” em um formulário de múltipla escolha. Na questão “o que gostam de fazer no tempo livre?”, 57,1% respondeu “se reunir com amigos”, também em múltipla escolha. Outras respostas que apontavam para a sociabilidade com seus “pares”, como “namorar” (37,4%) e “ir para festas” (30,8%).

Não é de hoje que a literatura sociológica (PAIS, 2003; FEIXA, 2012; SARLO, 2013) indica que jovens estão bastante dispostos a estabelecer relações de sociabilidade, especialmente na criação de grupos sociais de natureza identitária, como também percebi em meus estudos (LIMA FILHO, 2013; 2015); porém, de qualquer modo, é interessante notar uma pesquisa deste tipo confirmar a impressão.

Todavia, algo que também está implícito nesse jogo de sociabilidades é o consumo de bens culturais. Considerável parte *mobilizadora* dos grupos sociais que os jovens constroem em seu convívio diário é justamente dedicada a um tipo de negociação do capital cultural dentro de seu campo específico. Os agrupamentos identitários são constituídos com um objeto de *culto* que serve de mobilizador. A “movimentação” do agrupamento não precisa girar exclusivamente em torno desse *culto* – e nem o faz – mas é um combustível importante ao que chamamos coloquialmente de “amizade” e a atividade comum de consumirem determinado tipo de capital simbólico torna interessante as conversas entre seus membros.

A negociação em torno do capital simbólico movimentado se dá porque não apenas os membros consomem os bens culturais, mas principalmente, porque compartilham suas experiências, impressões e questionamentos. A troca dessas informações – uma economia de bens simbólicos (BOURDIEU, 1992) – é realizada no cotidiano e estabelece, como em qualquer campo, um tipo de hierarquia e de disputas simbólicas.

Isto pode ser contabilizado quando questionamos aos jovens que locais gostam de frequentar, nas quais se destacam respostas como *shopping centers* (59,8%), lanchonetes (50,9%), igrejas (46,4%), praias (43,9%) e cinema (43,3%). As respostas têm algo de “mundano” na vida de um jovem de cidade grande, porém, podemos destacar que pelo menos a ida ao cinema está relacionada com o consumo de bens culturais que de um modo ou de outro mobilizam os agrupamentos identitários aos quais pertencem (*vide* ANAZ, 2017).

Não é possível ignorar que, apesar de em índices menores, temos ainda como resposta *shows* de música (19,1%), ida a livrarias (7,8%) e frequência a bibliotecas (6,4%). Tanto a música quanto a literatura são dois dos principais bens culturais consumidos e compartilhados pelos jovens, como concordam Amaral, Soares, Monteiro (2017). E o modo como se envolvem com tais bens é ainda maior do que tais números podem sugerir.

Quando questionamos aos jovens o que gostam de fazer no tempo livre, “ouvir música” aparece em primeiro lugar, com 83% da preferência; à frente inclusive de “usar a internet” (78,9%). A música é realmente um bem cultural fundamental para a vida dos jovens, aparecendo também em destaque na resposta para o que gostam de fazer no intervalo entre as aulas (45,8%).

As demais respostas ao que gostam mais de fazer no tempo livre apontam outros tipos de dispositivos próprios de acumulação de capital cultural, como assistir filmes (70%) e séries de TV (63%), além de ler livros (30,8%), histórias em quadrinhos (11,1%) e *mangás* (10,5%).

É deste último grupo que advém o maior interesse desta pesquisa no momento: os jovens leitores. Isto é importante porque o Brasil é um país que possui índices de leitura muito ruins: segundo pesquisa nacional do Instituto Pró-Livro (2016), 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro, enquanto a média de leitura é de somente 4,96 livros por ano. Ademais, os livros (e os outros bens culturais que consomem) não são compartilhados por seus pais, o que também traz um diferencial.

Encontrar índices relativamente altos de leitores entre os estudantes do Ensino Médio motivou um olhar atento a quem são esses jovens e como manejam esse capital cultural que adquirem na leitura, especialmente considerando-a como estratégia de acumulação de capital cultural não-herdado (PEREIRA, SARTI, 2010; RABELO, GOMES, LEOCÁDIO, 2013).

O “universo de leitores” e o consumo de bens culturais

A perspectiva de um *universo de leitores* dentre os jovens estudantes do Ensino Médio nasceu ainda na primeira fase da pesquisa (LIMA FILHO, 2017), então, ficou a necessidade de ampliar a amostra e verificar a ocorrência (ou não) do mesmo fenômeno em larga escala.

Os resultados parciais aos quais chegamos até o momento indicam uma proporcionalidade muito similar àquela encontrada na pesquisa anterior. Em nossa amostra atual, classificamos 64,4% dos jovens como pertencentes ao *universo de leitores*.

Como parâmetro para tal, foram escolhidas três condicionalidades que afeririam o jovem ter envolvimento mais próximo à leitura. A primeira delas é ter informado que gosta de ler livros, quadrinhos (HQs) ou *mangás* na hora do intervalo entre as aulas; a segunda é ter afirmado o mesmo na pergunta sobre “o que gosta de fazer no tempo livre”, que agrega atividades fora da escola; e por fim, a resposta espontânea quanto a ler ou não⁶. Se o interlocutor respondia a pelo menos uma dessas questões afirmativamente, consideramos como pertencente ao *universo de leitores*.

Obviamente, há maneiras diferenciadas de se relacionar com a leitura e isto também é considerado dentro do *universo de leitores*. Podemos presumir que alguns são mais envolvidos e ativos do que outros. Desse modo, dos 64,4% dos jovens leitores, poderíamos pensar que os 30,8% que responderam “gostar de ler livros” no tempo livre têm envolvimento maior com a leitura do que os demais. O mesmo vale para os que responderam ler HQs ou *mangás*.

Contudo, não podemos ignorar que, enquanto quase um terço dos jovens afirmaram “gostar de ler livros”, 60,5% do total tenha respondido espontaneamente o livro que mais gostou de ler.

Houve outras respostas espontâneas similares. Enquanto 83% afirmou gostar de ouvir música em seu tempo livre, 98,9% respondeu qual gênero musical mais gostava. O mesmo ocorreu com séries de TV, que sobem de 63% para 77,6%; e HQs e *mangás* ganharam adesões de 11,1% e 10,5% nas respostas dirigidas, e na espontânea, as duas combinadas chegaram a 51,1%⁷.

⁶ Na parte final do questionário, havia a opção de responder quais livros mais gostou de ler nos últimos três meses para usar a mesma referência do Instituto Pró-Livro (2016), destinada inicialmente apenas aqueles que responderiam que gostavam de ler no seu tempo livre. Contudo, muitos jovens responderam mesmo não tendo marcado a questão citada. Interpretamos isso como uma “resposta espontânea”, pois diferente do restante do formulário, nesta questão o jovem teria que escrever o título dos livros. Responder, portanto, é um indicador do interesse diferenciado pela leitura. Situação similar ocorreu com o ato de ouvir música e de assistir séries de TV.

⁷ Neste caso, HQs e *mangás* tiveram que ser contabilizados juntos, pois as respostas espontâneas não foram previstas metodologicamente.

Dispositivos de acúmulo de capital cultural entre jovens

A questão que nos mobilizou na análise do *universo de leitores* foi: quais os *dispositivos* (LAHIRE, 2004) que impulsionam a busca de acúmulo de capital cultural? A experiência sociológica aponta alguns caminhos, como escolaridade da mãe, renda ou ter estudado em escola pública ou privada. A seguir, consideramos tais categorias de análise comparando os leitores com os não-leitores.

Quanto ao gênero, enquanto entre os não-leitores 60,6% são homens, entre os leitores a maioria é de mulheres: 62,1%. Em termos de etnia, os resultados não diferem, com as porcentagens bastante similares, como pode ser visto no *Quadro 01*, embora é possível notar a tendência de aumento dos brancos entre os leitores.

Quadro 1

Porcentagem de Jovens por Etnia

Etnia	Não-Leitores	Leitores
Pardo	62,5	57,6
Branco	18,06	24,8
Negro	15,4	13,3
Indígena	3,8	1,9

Fonte: Própria.

Quanto à renda, em primeiro lugar, é preciso alertar para como tal categoria é falha, pois é muito elevado o número daqueles que se negaram a responder (23,2% e 21,6%, entre não-leitores e leitores, respectivamente), sendo quase a maior proporção de respostas. A experiência de pesquisas aponta que, aparentemente por uma série de elementos históricos e culturais, os brasileiros são reticentes a informar quanto ganham. Outro fator considerável é a ignorância dos jovens em relação à vida financeira das famílias.

Desconsiderando a falta de informação, de modo geral, a renda entre não-leitores e leitores é muito próxima. Os índices se diferenciam muito pouco até a faixa de 10 salários mínimos, que corresponde aproximadamente R\$ 9.540,00 (ou US\$ 2.957,00).

Quadro 2

Porcentagem de Jovens por Renda Familiar

Renda Familiar Média	Não-Leitores	Leitores
Menos de 1 SM	14,8	18,7
Entre 1 e 2 SM	30,9	34,07
Mais de 2 a 5 SM	21,9	19,1
Mais de 5 a 10 SM	3,2	3,5
Mais de 10 a 15 SM	3,2	0,9
Mais de 15 a 20 SM	0	0,6
Mais de 20 SM	1,2	0
Sem Renda	1,2	1,2
NS/NR	23,2	21,6

Fonte: Própria.

Acima desse valor, surgem distinções. O que é mais curioso é que a renda dos não-leitores é ligeiramente maior do que a de leitores: na faixa de mais de 10 salários mínimos vivem 4,4% dos não-leitores e 1,5% dos leitores. Para confirmar, a porcentagem dos leitores é maior nas faixas mais baixas de renda: dos que vivem com até 2 salários mínimos, 45,7% são não-leitores e 53,9% são leitores.

Isso quer dizer que, os jovens leitores têm renda menor do que os não-leitores. Tal resultado indica que o capital econômico não está influenciando de modo forte a disposição dos jovens a acumular capital cultural por meio da leitura.

Para aumentar mais a estranheza, não há diferença significativa quando comparamos egressos da escola pública ou privada. Entre os não-leitores, 36,7% estudaram escolas privadas e 56,7% na pública; enquanto nos leitores a proporção foi 39,4% e 57,6%, respectivamente.

Este resultado nos intrigou, pois no Brasil cai sobre a escola pública a pecha de ser de qualidade inferior ao ensino privado. Em tal situação, seria lógico que, com uma escolaridade de melhor qualidade, os jovens das escolas privadas tivessem maior acesso à leitura e, conseqüentemente, maior possibilidade de aumentar capital cultural.

De modo semelhante, não houve diferenças significativas quando consideramos os anos de estudo das mães, perfazendo outra das categorias que normalmente aparecem como indicadoras de maior impacto na escolaridade dos jovens.

Quadro 3

Porcentagem de Jovens por Escolaridade da Mãe

Escolaridade da Mãe	Não-Leitores	Leitores
Ensino Fundamental Incompleto	25,8	26,7
Ensino Fundamental Completo	9,6	9,5
Ensino Médio Incompleto	10,3	10,1
Ensino Médio Completo	29,03	28,9
Ensino Superior Incompleto	3,2	4,4
Ensino Superior Completo	3,8	6,05
Pós-Graduação	3,2	4,4

Fonte: Própria.

Nota-se que a formação básica das mães é quase idêntica até o fim do Ensino Médio, sendo este também o grau com maior porcentagem. Embora a maioria dos jovens esteja ultrapassando os anos de estudo da mãe (45,7% das mães dos não-leitores estudou entre o Ensino Fundamental Incompleto e o Ensino Médio Incompleto; e 46,3% das mães dos leitores), é significativo que quase 30% das mães em ambos os universos concluiu o Ensino Médio.

Outro ponto é a singela diferença entre aquelas mães que conseguiram ingressar no Ensino Superior. Ainda que pequena, percebe-se que as mães dos leitores têm índices ligeiramente maiores de formação nesse nível, o que pode ser elemento importante no estímulo à leitura, inclusive, pela herança do capital cultural dos pais. Quando consideramos o Ensino Superior como um todo (somando incompleto, completo e pós) a diferença é maior: 10,2% das mães dos não-leitores e 14,8% das dos leitores.

Analisando esses três fatores principais – ser egresso de escola pública, renda e escolaridade da mãe – chegamos à conclusão de que os elementos “tradicional” de

medição de probabilidade de acúmulo de capital cultural não se mostram satisfatório para explicar o envolvimento com a leitura⁸.

Dessa forma, decidimos analisar outros indicadores em busca de quais dispositivos seriam fundamentais ao acúmulo de capital cultural via leitura.

Quando comparamos o fator religioso, católicos e evangélicos/ protestantes têm pequena tendência a serem menos leitores, ao contrário dos não-praticantes religiosos e ateus, que são mais numerosos entre os leitores, especialmente os últimos.

Quadro 4

Porcentagem de Jovens por Religiosidade

Identificação Religiosa	Não-Leitores	Leitores
Católicos	47,09	41,7
Evangélicos e Protestantes	36,1	28,9
Não têm uma religião, mas acreditam em algo	14,8	17,8
Ateus	0,6	2,2

Fonte: Própria.

Procuramos verificar se havia diferenças quanto às matérias que preferem na escola e houve algumas diferenças, com os leitores preferindo História, Sociologia e Artes. Embora Matemática tenha sido a mais citada, é importante notar que a incidência é proporcionalmente menor entre os leitores e a distância em relação ao segundo lugar (História) é quase inexistente, ao passo que entre os não-leitores a segunda colocação é ocupada por Educação Física e Português empatadas, e têm menos da metade da preferência da primeira.

Enquanto Educação Física tem porcentagem de resposta bastante similar entre não-leitores e leitores (14,8% e 15,2%, respectivamente), mas entre os leitores é somente o quarto lugar.

⁸ Cabe a reflexão se tais indicadores serviriam melhor a um tipo de capital escolar, no sentido de medição de índices escolares ou, no caso concreto brasileiro, quanto à aprovação no ENEM (o Exame Nacional do Ensino Médio) que serve de acesso direto às universidades públicas.

Quadro 5

Porcentagem de Jovens por Preferência de Disciplina*

Matérias Preferidas	Não-Leitores	Leitores
Artes	3,2	7,6
Biologia	14,1	19,4
Educação Física	14,8	15,2
História	11,8	21,6
Matemática	32,9	21,9
Português	14,8	15,9
Sociologia	5,8	11,1
Geografia	6,4	10,8
Química	6,4	9,8

Fonte: Própria. * Múltipla Escolha.

Por fim, vindo de estudos sobre a relação entre música e sociabilidade juvenil (LIMA FILHO, 2013; 2016) não me furtei a comparar os resultados quanto à preferência musical. Mais uma vez, ressaltamos como o “gostar de música” apareceu como o principal consumo de bem cultural entre os jovens pesquisados. A música, portanto, é elemento importante da vida dos estudantes e o modo como se relacionam com ela não pode ser entendido – na maioria dos casos – apenas como fruição de um “produto”, mas de um código simbólico com grandes implicações em sua sociabilidade e autoidentificação (GIDDENS, 2002).

Tanto minha pesquisa supracitada como a própria observação *in loco* nas escolas na primeira fase do estudo (LIMA FILHO, 2017) demonstram como parte importante da sociabilidade dentro da escola é orientada pelo consumo de bens culturais, especialmente aqueles ligados à música, às séries de TV e à literatura. No caso da música, grupinhos de jovens se formam em torno daqueles que gostam de rock, por exemplo, que por ser um gênero musical muito relacionado a um estilo de vida específico e a todo um modo de pensar e agir, termina agindo de modo segregador, classificando fortemente os “nós” *versus* “eles”.

Em ambas as escolas nas quais foram realizados grupos focais e pesquisa de campo pudemos perceber esses grupos organizados em torno do rock, cuja categoria nativa é *panelinhas*⁹ e que chamamos de agrupamentos (modos de vivenciar o estilo de vida na prática). Também verificamos outros associados às séries de TV, literatura, times esportivos e jogos eletrônicos, por exemplo.

Quando consideramos algum tipo de associação entre preferência musical e leitura também aparecem resultados relevantes: apenas dois gêneros musicais encontraram respostas similares entre não-leitores e leitores: forró e sertanejo. Ambas são músicas de tipo regional nascidas na primeira metade do século XX fora dos grandes centros urbanos, mas que se “modernizaram” em décadas recentes com a absorção de linguagens estrangeiras, particularmente do rock e da música pop em geral. É importante frisar que aqueles dois gêneros são extremamente populares no Brasil atualmente, monopolizando parte significativa da mídia tradicional, como rádio e TV.

Nos demais tipos de música, prevaleceu a diferenciação entre não-leitores e leitores, como pode ser visto no *Quadro 6*.

Quadro 6

Porcentagem de Jovens por Preferência Musical*

Gêneros Musicais	Não-Leitores	Leitores
Forró	47,7	42,6
Funk	51,6	44,9
Música Eletrônica	40,6	50,3
Pop	30,3	55,09
RAP	54,8	42,03
Rock	21,9	37,8
Sertanejo	46,4	47,7

*Fonte: Própria. * Múltipla Escolha.*

Entre os não-leitores, RAP e funk aparecem como gêneros musicais favoritos, o que é interessante, pois ambos têm origens semelhantes e ecoam de modo significativo nas periferias das grandes cidades brasileiras. O RAP é “importado” dos Estados Unidos,

⁹ Na linguagem típica do Nordeste do Brasil, “panela” significa agregar, juntar.

porém, se ressignifica com uma linguagem muito própria nas favelas do Rio de Janeiro, que é o maior exportador desse tipo de música no país. Tal qual algumas vertentes do original norteamericano, o RAP se remete às temáticas sociais, cantando sobre a violência e a pobreza nas quais as populações de baixa renda estão imersas. Já o funk toma de empréstimo apenas o nome da sonoridade dançante dos anos 1970, e no Brasil, se transforma num gênero musical “irmão” do RAP, porém, com um pouco mais de musicalidade e temáticas mais dirigidas ao sexo.

Desse modo, o quadro de preferências dos não-leitores – em ordem: RAP, funk, forró e sertanejo – se consolida em torno de temáticas de apelo regional e relacionadas ao mundo social em que vivem.

Entre os leitores, tal quadro é diferente e as preferências musicais recaem sobre: pop (55,09%), música eletrônica (50,3%), sertanejo (47,7%) e funk (44,9%). Além disso, embora o rock seja o último colocado entre essas opções em não-leitores e leitores, não deve ser desconsiderado o crescimento de 21,9% para 37,8%, respectivamente. Esses números parecem indicar que os leitores têm maior identificação com gêneros musicais de matrizes estrangeiras (eletrônica, pop e rock) do que os não-leitores.

Tal conclusão é importante porque aponta a necessidade do domínio de determinados códigos simbólicos (capitais culturais) bem específicos, relacionados não somente às letras ou música em si, porém, mais significativo, com o “mundo” associado, ou seja, o conjunto de informações e referências.

Tendo em vista a discussão sociológica sobre o *cosmopolitismo* (BECK, 2010, 2011; BHAMBRA, 2014; BRUNKHORST, 2011; VANDENBERGHE, 2011) é de se pensar se esse jovem leitor das escolas fortalezenses não está, efetivamente, se apropriando de um universo de símbolos culturais que vai muito além de sua realidade imediata, mas que tem acesso direto por meio da internet, das redes sociais, da literatura, das séries de TV e da música (IGARZA, 2010).

Além disso, é importante salientar que, como aprofundi em Lima Filho (2013), o consumo desses bens culturais não vem dissociado de *informação*. Ou seja, não basta apenas assistir uma série como *Games of Thrones*, mas é preciso ler os livros originais de George R.R. Martin, ler teorias e notícias na internet sobre o programa, e discutir tudo isso em fóruns, páginas e grupos (virtuais e presenciais) sobre o tema. Do mesmo modo

com *Harry Potter*, *Divergente*, *Maze Runner* ou os quadrinhos da Marvel Comics (*Vingadores*), DC Comics (*Liga da Justiça*) e *mangás* e *animes*.

Com isso, esses jovens entram em contato com um tipo de cultura cosmopolita que é difundida no mundo inteiro e serve de linguagem comum a todos aqueles que com ela interagem. Se antes tais agrupamentos eram tratados como “nichos” ou “tribos urbanas”, é preciso considerá-los como expressões de estilo de vida que, mesmo aparentemente singulares e localizados (“os *nerds* da escola”) fazem parte de um todo maior que se espalha por América, Europa, Ásia, África e Oceania.

Considerações Finais

Com base na pesquisa empreendida com 487 estudantes do Ensino Médio de Fortaleza e outros municípios do Ceará, podemos considerar que há uma parcela significativa desses jovens que tem envolvimento maior do que o esperado com a leitura, ainda mais num país na qual os índices de leitura são tão baixos. A partir da noção de que existe um universo de leitores na amostra, podemos pensar que este corresponde a 64,4% do total de jovens, tomando como referência a resposta a perguntas como “o que faz no intervalo das aulas”, “o que gosta de fazer no tempo livre” e “quais livros mais gostou de ler”.

Buscando que elementos seriam decisivos para tornar esses jovens – em sua maioria pardos, de baixa renda, moradores da periferia e estudantes de escolas públicas – leitores, analisamos várias categorias que poderiam impulsionar o acúmulo de capital cultural não-herdado, ou seja, que não podem adquirir dos pais ou das famílias (BOURDIEU, 2012).

A partir dos dados apresentados, podemos concluir que variáveis como etnia, renda, escolaridade da mãe e tipo de escola da qual é egresso apresentaram grau de variação menor – e possivelmente menos impacto na consolidação dos dispositivos que levam à leitura – do que aqueles relacionados a religião, matérias favoritas e gosto musical.

Embora ser branco aparentemente impulsiona um pouco a possibilidade de ser leitor, ao contrário do que esperávamos, ter maior renda não foi um fator no mesmo sentido. Na verdade, foi o contrário: os leitores têm menor renda do que os não-leitores. Ter a mãe cursando (ou concluído) o nível Superior também parece impulsionar o jovem

para a leitura, porém, parte significativa dos leitores (75,2%) têm a mãe basicamente com o mesmo nível escolar do que os não-leitores.

Desse modo, foram as variáveis de religião, disciplina escolar e gosto musical que apresentaram maiores distinções e apontam, talvez, maior força como elementos distintivos no acúmulo de capital cultural. Isso porque vimos que aqueles com pouco ou nenhum envolvimento religioso têm maior tendência a serem leitores do que católicos e protestantes/ evangélicos. Os que gostam de ler preferem disciplinas como História, Artes e Sociologia, que de algum modo realmente se relacionam mais com a leitura do que outras.

Em termos de gosto musical, os leitores têm maior envolvimento com ritmos estrangeiros do que os não-leitores, o que indica a disposição para se envolver com capitais culturais diferenciados daqueles que já trazem de berço.

Este último item aponta para o desenvolvimento das reflexões sobre o cosmopolitismo e o modo como os jovens de hoje se comunicam com um tipo de cultura global que transcende fronteiras e os distancia da cultura típica de seus pais.

O que a nossa pesquisa pretende aprofundar daqui em diante é se essa “abertura” a esse capital cultural diferenciado é um elemento mais importante para a formação de um jovem leitor do que elementos estruturais, como renda ou o tipo de educação ao qual tem acesso.

Bibliografia

AMARAL, Adriana da R.; SOARES, Thiago; MONTEIRO, Camila F. (2017). “What’s Goin On é o Sgt. Pepper’s da soul music”: autonomia, cânone e valor numa lista de maiores álbuns da música. *Revista Comunicação, Mídia, Consumo*. São Paulo. V. 14, N. 41, set./dez. 2017, pp. 126-145.

ANAZ, Sílvio A. L. (2017). O sobre-humano nos imaginários cinematográficos bem-sucedidos. *Revista Comunicação, Mídia, Consumo*. São Paulo. V. 14, N. 41, set./dez. 2017, pp. 171-194.

BECK, Ulrich (2010). Kiss the Frog: the cosmopolitan turn in Sociology. *Global Dialogue: Magazine of the International Sociological Association*. Vol. 1, Issue 2, nov. 2010. <<http://isa-global-dialogue.net/kiss-the-frog-a-cosmopolitan-turn-in-sociology/>>

_____. (2011). *Sociedade de Risco: rumo a uma outra modernidade*. 2 ed. São Paulo: Editora 34.

BHAMBRA, Gurminder K. (2014). As possibilidades quanto à sociologia global: uma perspectiva pós-colonial. *Revista Sociedade e Estado*, Vol. 29, N. 1, jan./abr. 2014

- BOURDIEU, Pierre (1992). *A Economia das Trocas Simbólicas*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (2012). *Escritos de Educação*. 13 ed. Petrópolis-RJ: Vozes. Coleção Ciências Sociais da Educação.
- BRUNKHORST, Hauke (2011). Alguns problemas conceituais e estruturais do cosmopolitismo global. *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, Vol. 26, N. 76, jun. 2011, pp. 07-38.
- FEIXA, Carles. (2012). *De Jóvenes, Bandas y Tribus*. 5 ed. Barcelona: Planeta/ Ariel.
- GIDDENS, Anthony (2002). *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- IBGE (2017). Ceará: Censo 2010/ Estimativa 2017. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>, acesso em dez. 2017.
- IGARZA, Roberto (2010). Nuevas formas de consumo cultural: por qué las redes sociales están ganando la batalla de las audiências. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo. Vol. 7, N. 20, nov. 2010, pp. 59-90.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO (2016). *Retratos da Leitura no Brasil – 4ª Edição*. São Paulo: Instituto Pró-Livro/ IBOPE Inteligência.
- IPLANFOR (2015). *Fortaleza 2040: Iniciando o diálogo por uma Fortaleza de oportunidades, mais justa, bem cuidada e acolhedora*. Prefeitura Municipal de Fortaleza, Vol. 2, N. 1, ano II.
- LAHIRE, Bernard (2004). *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre-RS: Artmed.
- LIMA FILHO, Irapuan Peixoto (2013). *Em Tudo o que Faço, Eu Procuo Ser Muito Rock and Roll: Rock, estilo de vida e rebeldia*. Fortaleza-CE: UFC.
- _____. (2016) Estilo de vida e redes sociais nos agrupamentos roqueiros. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Porto/ Portugal, N. 109, pp. 105-135.
- _____. (2017). Painelinas na Escola: Consumo cultural e sociabilidade entre jovens no ambiente educacional. *18º Congresso Brasileiro de Sociologia: Anais*. Brasília: Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS).
- PAIS, José Machado (2003). *Culturas Juvenis*. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda.
- PEREIRA, Mateus H. F.; SARTI, Flavia M. (2010). A leitura entre táticas e estratégias? Consumo cultural e práticas epistolares. *Revista História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel*, Pelotas, Vol. 14, N. 31, mai/ago. 2010, pp. 195-217.
- RABELO, Alexandre; GOMES, Danielle M.O.A.; LEOCÁDIO, Áurio L. (2013). O acesso aos instrumentos públicos como influenciador do consumo cultural pela população de baixa renda. *Revista de ciências Sociais Unisinos*, Vol. 49, N. 2, mai/ago. 2013, pp. 174-180.
- SARLO, Beatriz (2013). *Cenas da Vida Pós-Moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. 5 ed. Rio de Janeiro: UFRJ.
- UN (2013). *State of the World's Cities 2012-201*. New York City: United Nations-Habitat/ Routhledge.

VANDENBERGUE, Frédéric. (2011). Um Estado para o Cosmopolitismo. *Revista Novos Estudos/ CEBRAP*, Vol. 90, jun. 2011, pp. 85-101.